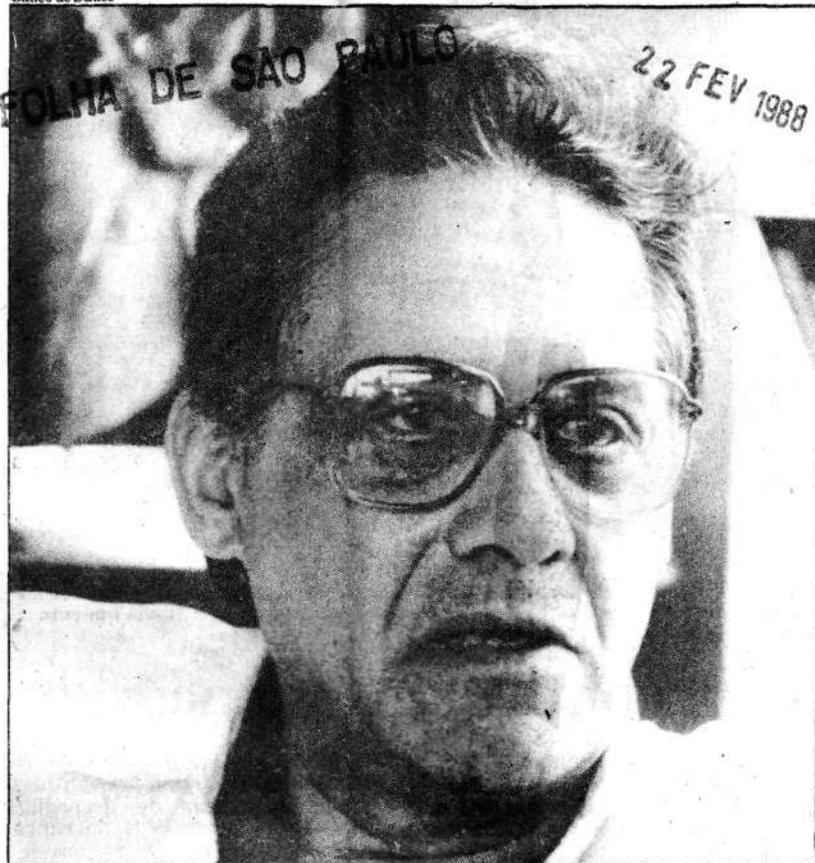


PMDB está preocupado em não desestabilizar governo, diz Cardoso

Banco de Dados



Fernando Henrique Cardoso (SP), líder do PMDB no Senado

ALEXANDRE POLES

Da Sucursal de Brasília

Os principais líderes do PMDB começaram nos últimos dias uma delicada manobra para garantir um mínimo de sustentação ao presidente José Sarney e evitar um confronto entre o governo e a Constituinte. "Há uma preocupação de não se desestabilizar o governo. Ninguém tem interesse em que o país pegue fogo", disse ontem à Folha o líder do PMDB no Senado, Fernando Henrique Cardoso (SP).

Convencidos de que a batalha pelo mandato de quatro anos para Sarney está praticamente decidida, os líderes do PMDB procuram agora preservar a imagem institucional do presidente, para que cumpra o mandato que lhe restar sem turbulências. Foi este o objetivo da declaração de Ulysses Guimarães pedindo um "armistício" entre o governo e o Congresso constituinte.

No sábado, o líder do governo na Câmara, deputado Carlos Sant'Anna (PMDB-BA) procurou Cardoso para manter abertos os canais entre as duas correntes em que se divide o PMDB, na questão do mandato. A conversa foi um indicador de que o próprio Sant'Anna está preocupado com o confronto governo-Constituinte.

Sant'Anna acha que o mandato

Não há 'guerra', diz Costa Couto

Da Sucursal de Brasília

O ministro-chefe do Gabinete Civil, Ronaldo Costa Couto, reagiu ontem à proposta de "armistício" feita pelo presidente do Congresso constituinte e do PMDB, Ulysses Guimarães, afirmando que "não há guerra, mas um clima de simbiose onde tanto os constituintes quanto o presidente José Sarney têm o direito de opinar, criticar e defender pontos de vistas".

Para Costa Couto, o presidente tem sido "irrepreensível" em relação ao Congresso constituinte e mesmo assim tem sido pressionado pelos grupos e setores que lançaram

ainda não está definido e aposta na vitória dos cinco anos. Cardoso, entretanto, disse ontem que "os quatro anos já estão resolvidos". Há, porém, um ponto de união entre os dois: ambos temem os riscos embutidos na decisão de Sarney de deixar em segundo plano sua base parlamentar e defender seu governo diretamente, através do programa "Conversa ao Pé do Rádio".

A preocupação de Sant'Anna é trazer de volta para o Congresso o

"intempestivamente" campanhas sem que os constituintes tenham sequer decidido a duração do mandato presidencial. Sobre Ulysses Guimarães disse apenas: "É um homem que aprendi a respeitar que está dando um exemplo de devoção ao país dirigindo a Constituinte para que apresse a conclusão dos seus trabalhos."

"É injusto e inverdadeiro dizer que o presidente está governando pelos cinco anos", afirmou o ministro-chefe do Gabinete Civil, Sarney, segundo ele, tem o direito de defender suas posições assim como os constituintes, desde que num "clima civilizado".

conflito político entre o governo e a Constituinte. Foi por isso que pediu, na sessão do último sábado, que o deputado Ulysses Guimarães encontrasse uma fórmula para assegurar as críticas feitas em plenário. Não existe no regimento do Congresso constituinte a figura do líder do governo. Os últimos pronunciamentos de lideranças, porém, têm sido sistematicamente de críticas ao governo. "V. Excma deveria encontrar

uma fórmula regimental para que as agressões contra o governo pudessem ser respondidas aqui dentro, permitindo o contraditório", disse Sant'Anna.

Ulysses entendeu imediatamente o recado e vai determinar, a partir de hoje, que os "pinga-fogos" e os horários de liderança fiquem restritos somente às sessões matinais da Constituinte, o que atenuará o efeito das críticas ao governo.

Uma parte do PMDB teme que, se perder efetivamente a votação de seu mandato, o presidente Sarney adote uma posição radical. "Se o Getúlio Vargas, que era um homem frio, deu um tiro no coração, Sarney, que é um poeta, pode querer renunciar", disse ontem o senador Ruy Bacelar. Outra hipótese, disse Bacelar, é Sarney flertar com a articulação golpista com militares.

Fernando Henrique Cardoso não chega a tanto. Ele vê um problema real no fato de Sarney "estar desiludido com sua base parlamentar", mas não acredita que o presidente estimule qualquer hipótese de retrocesso político. "Sarney é muito experimentado e nunca conspirou contra a democracia". Por via das dúvidas, o PMDB tem evitado criticar o governo na Constituinte, nos horários de liderança. "O Mário (senador Mário Covas, líder do partido) não tem feito isso", disse.

Críticas do presidente preocupam Sant'Anna

Do enviado especial a Brasília

Políticos fiéis ao presidente José Sarney —entre eles o líder do governo na Câmara, deputado Carlos Sant'Anna (PMDB-BA)— estão preocupados com o tom agressivo das respostas do presidente àqueles que o criticam, e com a contundência com que Sarney vem se referindo à Constituinte.

Estes parlamentares acreditam que isso pode significar uma mudança de tática do Palácio do Planalto. Desanimado com o desgaste de suas lideranças políticas dentro do Congresso constituinte, e estimulado pelos efeitos de sua resposta arrasadora às críticas da Igreja sobre a corrupção no governo, Sarney teria se convencido que só ele, pessoalmente, é capaz de combater eficazmente os ataques políticos que recebe —e os Constituintes que defendem o governo temem que tal convencimento agrave no país um quadro de radicalização.

Foi este o motivo pelo qual o deputado Carlos Sant'Anna disse antontem, da tribuna do plenário da Constituinte, que é preciso que a defesa do governo seja feita dentro do Congresso. O líder do governo ainda advertiu que se essa defesa não encontrar espaço no plenário, ela será feita fora dele, e que isso não é bom para o Brasil, mas suas palavras causaram pouco efeito.



Carlos Sant'Anna (PMDB-BA)

Elas ficaram no ar, como as da deputada Elisabeth Azize (PSB-AM), que, em outro momento da sessão de sábado, pediu ao Dentel a suspensão do programa matutino e diário do presidente, "Conversa ao Pé do Rádio". Na gravação levada ao ar sexta-feira passada, Sarney disse que "estão querendo tocar fogo no país", e a deputada acha que isso é incitação à desordem. Elisabeth Azize esgrimiou sua indignação em um floreio oportuno mas inútil. Ela

sabê que o Dentel é órgão do Ministério das Comunicações, e que o ministério é dirigido pelo baiano Antônio Carlos Magalhães —um político que está sempre longe de exercer qualquer efeito moderador junto a Sarney.

Teste

É nesse contexto que deve ser entendido o pedido feito também no sábado pelo presidente do PMDB e da Constituinte, deputado Ulysses Guimarães, de "um armistício" entre o governo e o Congresso constituinte. Ulysses tenta por "água na fervura", interromper a escalada de agressões de parte a parte, e esta semana será um bom teste para a proposta. A pacificação dos ânimos vai depender de muitas variáveis, inclusive do tom e das consequências de dois discursos prometidos para as sessões matinais do Senado, um do líder do PDS, senador Jarbas Passarinho (PA), sobre as provocações aos militares e o comportamento da CUT, e outro do senador Alvaro Pacheco (PFL-PI), um amigo particular do presidente, que pretende analisar o futuro do país caso José Sarney tenha que encerrar seu mandato em março do ano que vem.

A suposição de que o presidente esteja assumindo pessoalmente a árdua tarefa de defender seu governo se encaixa com perfeição no

quadro que Pacheco vem confidenciando a alguns amigos, sobre o estado de ânimo no Palácio da Alvorada (residência oficial de Sarney). Nas últimas semanas o senador piauiense vem tentando obter do presidente alguma orientação para os coordenadores do Centrão na Constituinte. "O Sarney não quer nem ouvir falar nisso, diz que não vai dar orientação nenhuma, que vai deixar que a Constituinte decida o que ela quiser decidir, como se estivesse inteiramente descrente do que se possa resolver aqui", comentou Pacheco, dias atrás.

Parte dessa desesperança do presidente pode e deve ser atribuída às últimas manobras do deputado Ulysses Guimarães, que deixou uma postura de passividade com relação à questão do mandato presidencial, para trabalhar ativamente —a seu modo, nos bastidores— pelo encurtamento do mandato de José Sarney para quatro anos. Um desses lances Ulysses concretizou durante o Carnaval, usando como peão seu grande amigo Renato Archer (ministro da Previdência). Archer deixou vazar em Brasília que ia passar a festa no Rio, mas seguiu para uma fazenda que tem na localidade de Corumbau, junto ao município baiano de Porto Seguro (720 km ao sul de Salvador). Lá, na última segunda-feira, ele encontrou-se com o governador da Bahia, Waldir Pires, um ativo defensor dos quatro anos para Sarney.

Mandato

Por que quatro anos



Fábio Feldman (PMDB-SP): "Defendo quatro anos porque tem que se implantar o processo de democracia no país e restaurar a legitimidade que falta na presidência de José Sarney. E hora de virar a página e efetivamente iniciar uma fase nova no país com a definição de um projeto democrático com a participação popular, que somente a eleição irá assegurar. É hora de superar a instabilidade e o provisório do Brasil que está sendo uma intranquilidade e uma insegurança em todos os níveis. Enquanto perdurar esta situação, as decisões estarão sendo adiadas em prejuízo do país."

Por que cinco anos



Inocêncio de Oliveira (PFL-PE): "Se nas disposições permanentes botamos cinco anos, seria uma discriminação votar menos de cinco anos para o presidente José Sarney. Um mandato de quatro anos é muito curto, não dando tempo ao Executivo para realizar uma boa obra administrativa. No primeiro ano, arruma a casa e no último, ele faz a política para eleger o sucessor, restando só dois anos de trabalho. Não podemos fazer uma Constituição para o presidente Sarney e sim para o país. Se as eleições fossem este ano, tudo indica que nós iríamos escolher um presidente em face da crise."